

**UNISA – UNIVERSIDADE DE SANTO AMARO**  
**Curso de Licenciatura em História**

**William Santos da Costa**

10.0

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**ANARQUIA COMO MOVIMENTO OPERÁRIO DA REPÚBLICA VELHA**

**SÃO PAULO**

**2023**

## Anarquia como movimento operário na República Velha

William Santos da Costa<sup>1</sup>

Jussara Parada Amed<sup>2</sup>

### Resumo:

Este artigo tem como objetivo desmistificar equívocos e preconceitos associados ao anarquismo como um movimento operário durante a República Velha no Brasil, explorando as origens do anarquismo destacando seus principais feitos, com o intuito de analisar as estratégias e táticas empregadas pelos anarquistas no contexto do movimento operário, incluindo greves, jornais e sindicatos. Buscaremos destacar as contribuições do anarquismo, sua diversidade ideológica e a influência positiva que teve no movimento trabalhista da época, oferecendo uma visão mais precisa e equilibrada do anarquismo como parte integrante e influente do movimento operário durante a República Velha, combatendo equívocos e preconceitos históricos.

**Palavras –chaves:** Movimento operário; anarquia; anarcossindicalismo; República Velha; industrialização brasileira.

### Abstract:

This article aims to demystify misconceptions and prejudices associated with anarchism as a workers' movement during the Old Republic in Brazil, exploring the origins of anarchism by highlighting its major accomplishments. The intention is to analyze the strategies and tactics employed by anarchists in the context of the workers' movement, including strikes, newspapers, and unions. We will seek to emphasize the contributions of anarchism, its ideological diversity, and the positive influence it had on the labor movement of the time, providing a more accurate and balanced view of anarchism as an integral and influential part of the workers' movement during the Old Republic, countering historical misconceptions and prejudices.

**Keywords:** Labor movement; anarchy; anarcho-syndicalism; Old Republic; Brazilian industrialization.

---

<sup>1</sup> Graduando do curso de Licenciatura em História pela Universidade de Santo Amaro - UNISA, 2023. E-mail: william.santos\_costa@hotmail.com

<sup>2</sup> Professora orientadora, Mestre em História pela PUC-SP e Doutora em História Social pela USP. E-mail: jamed@prof.unisa.br

## Introdução

O anarquismo defende em sua filosofia política a ausência do Estado, hierarquia e autoridade, se opondo a todas as formas de hierarquia, isto inclui instituições, como empresas e sistemas de governo, que exercem controle sobre a população de maneira injusta, desta forma buscando uma organização da sociedade de forma descentralizada, com ênfase na autonomia individual e cooperação mútua, acreditando que a sociedade pode ser organizada de maneira voluntária, onde as pessoas se ajudam mutuamente, em vez de depender de autoridades. Porém além do anarquismo defender a ausência do governo, a corrente anarquista valoriza a autonomia e liberdade individual, acreditando que cada pessoa deve ser capaz de tomar decisões sobre sua própria vida, desde que não prejudique os outros cidadãos presentes na sociedade.

Diversos anarquistas defendem a propriedade coletiva ou comunal dos recursos e meios de produção, em contraste com a propriedade privada, assim vendo a acumulação de propriedade privada como uma fonte de desigualdade que enquanto produz riqueza, consegue produzir o dobro de pobreza e exploração da classe trabalhadora, desta forma defendendo a descentralização do poder. Em uma sociedade anarquista, a tomada de decisões é feita localmente e de forma democrática em oposição as estruturas de poder centralizadas. O movimento anarquista frequentemente adota a ação direta como um meio de atingir seus objetivos, incluindo protestos, greves e outras formas de ação não violenta, muitas vezes visando mudanças sociais.

No período da República Velha no Brasil que durou de 1889 a 1930 foi um período marcado por diversas transformações sociais, políticas e econômicas. Durante essa época o movimento operário emergiu como uma força essencial na busca por direitos trabalhistas e melhorias nas condições de vida da classe trabalhadora urbana. Um elemento significativo desse movimento foi a influência do Anarquismo, uma ideologia que promovia a igualdade, a autonomia e a abolição do Estado.

Tomamos o nome de anarquistas ou libertários, porque somos inimigos do Estado, isto é, do conjunto de instituições políticas que têm por fim impor, a

todos, os seus interesses e a sua vontade mascarada ou não com a vontade popular.<sup>3</sup>

A transição do regime monárquico trouxe para a República, em 1889 profundas mudanças no cenário político e econômico no Brasil. O processo de industrialização e urbanização que ganhava força gerou novas relações de trabalho e a concentração de operário nos centros urbanos, desencadeando a formação da classe operária e assim, reivindicando melhores condições de trabalho dentro das fábricas, que eram conhecidas como “Fábricas Satânicas” pelas condições insalubres que elas se apresentavam. Nesse contexto, compreender o movimento operário na República Velha é fundamental para desvendar as dinâmicas que moldaram o desenvolvimento social e político dessa época.

Nos anos 1880, o Brasil recebeu um total de 450 mil imigrantes, dois terços concentrados apenas em dois anos, 1888 e 1889: 62% eram italianos, 23% portugueses, 7% espanhóis, 4% alemães e 2% franceses. A grande maioria dos imigrantes, 60% em 1888/1889, e quase todos os italianos foram para São Paulo, que desde 1884 estava subsidiando as passagens dos imigrantes.<sup>4</sup>

Com tentativa de embranquecer o Brasil, junto com a necessidade de trocar a mão de obra escrava, foi incentivado pela elite brasileira um processo de imigração principalmente da Itália que passava por um processo de aumento no censo demográfico e aumento do desemprego, porém os imigrantes que vieram para o Brasil tiveram acesso com alguns ideais políticos na Europa como o socialismo e o anarquismo, assim frustrando a elite oligárquica que visava uma sociedade passiva e “civilizada”, no entanto quando os imigrantes começam a trabalhar nas fábricas brasileiras, eles não vão aceitar passivamente o sistema opressor existentes dentro das fábricas e assim começaram a reivindicar direitos trabalhistas, deixando a elite oligárquica descontente com os imigrantes da Europa.

Desde cedo, afinal, os dominantes veem desmoronar a imagem disciplinada a laboriosa que havia projetado sobre o imigrante europeu. “Nem da Ásia, nem da África”, os trabalhadores provenientes do sul da Europa, brancos e civilizados como se desejara, trazem consigo não apenas uma força de trabalho, mas todo um conjunto de expectativa, de valores e de tradições culturais. Ao entrarem no país, fazem explodir todas as projeções

---

<sup>3</sup> A Terra Livre, 10-12-1905.

<sup>4</sup> BETHELL, Leslie. Brasil no Mundo. In: CARVALHO, Murilo José. A Construção Nacional 1830 – 1889. Rio de Janeiro: Editora Shwarcz S.A, 2012. P,152

continuamente lançadas sobre seus ombros, procurando cada vez mais incisivamente afirmar sua própria identidade. Indolentes, preguiçosos, boêmios, grevistas ou anarquistas, segundo a representação, dos valores e das crenças que lhes são próprios.

As expectativas burguesas projetadas sobre os imigrantes recém-chegados se frustram continuamente.<sup>5</sup>

O movimento anarquista visa a edificação de uma nova sociedade a partir da transformação econômica, abolição das riquezas naturais e sociais e a abolição do poder político. Ao contrário das diversas correntes existentes que buscavam a garantia de direitos sociais através da legislação, o sindicalismo revolucionário acreditava unicamente na capacidade de mobilização dos trabalhadores para garantir que os patrões mantivessem as conquistas obtidas em greves. (BATALHA, 2018, p. 171).

A autora Margareth Rago no livro *Do Cabaré ao Lar* explora a transição da cidade no cenário do cabaré para o ideal de um lar disciplinar, abordando como as forças sociais, econômicas e culturais da época buscaram redefinir e moldar as vidas nas cidades. Margareth Rago esclarece sobre a tentativa das elites de impor normas rígidas de moralidade e disciplina a população urbana, ao mesmo tempo em que explora as formas de resistência e reconfiguração das camadas mais marginalizadas da sociedade incluindo os anarquistas.

No contexto anarquista Margareth Rago analisa como os ideais libertários de autonomia, igualdade e oposição ao Estado influenciaram as lutas urbanas e a configuração da vida nas cidades. Ela destaca como os anarquistas encontraram formas criativas de se organizar, seja através de sindicatos, grupos culturais ou publicações em jornais, para contestar o sistema vigente e promover uma visão alternativa da sociedade.

Também os anarquistas sonhavam com uma sociedade em que o desenvolvimento da tecnologia o homem do “reino da necessidade”, permitindo uma vida mais livre e criativa, onde o trabalho seria transformado enquanto atividade de autocriação da humanidade.<sup>6</sup>

A imigração italiana foi importante no contexto do movimento operário, pois muitos que vieram para o Brasil no final do século XIX e início do século XX tiveram

---

<sup>5</sup> RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao Lar – A Utopia da Cidade Disciplinar e a Resistência Anarquista*. 4ªed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1985.

<sup>6</sup> RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao Lar – A Utopia da Cidade Disciplinar e a Resistência Anarquista*. 4ªed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1985.

contato com ideias anarquistas, que ganhava força na Itália. Então trouxeram ideais anarquistas e as difundiram entre os trabalhadores brasileiros, contribuindo para a disseminação do anarquismo no Brasil. Esses imigrantes desenvolveram um papel fundamental na formação de sindicatos e associações no Brasil, se destacando como líderes e participantes ativos em movimentos grevistas e protesto. Suas experiências anteriores de luta na Itália contribuíram para a disposição em se envolver em atividades e anarquista durante a República Velha.

A imigração italiana ajuda a entender a associação dos trabalhadores brasileiros com o anarquismo - força política hegemônica no movimento operário italiano -, pelo menos em São Paulo. E, reza a boa tradição revolucionária, um anarquista italiano, ao imigrar, transformava-se num missionário dos ideais libertários.<sup>7</sup>

Muitos jornais anarquistas eram publicados em italianos, refletindo a influência significativa dos imigrantes nesse movimento. Esses meios de comunicação exercem um papel crucial na disseminação das ideias anarquistas e na organização dos trabalhadores. A crescente influência do anarquismo e os movimentos operários liderados por imigrantes italianos levaram a uma forte repressão por parte do governo brasileiro, que resultou em prisões, deportações e perseguições contra os anarquistas.

Por fim, com este trabalho buscamos desconstruir estereótipos e equívocos comuns associados ao anarquismo, como a suposição de que era um movimento puramente violento o caótico, destacando as contribuições do anarquismo para questões importantes, como direitos trabalhistas, igualdade de gênero e a luta contra a exploração no ambiente de trabalho. Desta forma contextualizando a repressão sofrida pelos anarquistas por parte do governo e de grupos contrário, incluindo a perseguição política e os episódios de violência. Assim para concluir, ressaltar a importância do anarquismo como um movimento operário valioso na República Velha e seu legado na luta pelos direitos trabalhistas no Brasil.

### **Mulheres Anarquistas**

Margareth Rago consegue analisar como esse período foi marcado por conflitos sociais e políticos, incluindo a repressão as greves e como essas dinâmicas

---

<sup>7</sup> SCHWARCZ, Lilia; Starling, Heloisa. Brasil Uma Biografia. 2ªed. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2015.

contribuíram para a formação da sociedade brasileira da época, incluindo a construção de uma “cidade disciplinar” que buscava impor normas e controle social. Abordando como essas questões se relacionaram com as mudanças na vida das mulheres e o surgimento de novos papéis de gênero durante esse período histórico no Brasil. (RAGO, Margareth, 1985)

As mulheres tiveram uma participação ativa e significativa tanto na Greve Geral de 1917 como em outras manifestações, elas executaram diversos papéis durante esse movimento contribuindo para a mobilização e organização das greves, já que no processo de industrialização no Brasil muitas mulheres começaram a trabalhar nessas fábricas, elas trabalhavam em fábricas de setores têxtil e alimentos com salários inferiores aos masculinos e condições precárias de trabalho.

Algumas mulheres estavam envolvidas em sindicatos e organizações trabalhistas da época, desta forma liderando e organizando as greves já que a maioria dos trabalhadores urbanos eram mulheres. E além das questões trabalhistas, muitas mulheres também estavam envolvidas em movimentos políticos e feministas da época, algumas delas viam a greve como uma oportunidade de lutar por igualdade de gênero, direitos sociais femininos e educacionais.

[...] A figura da mulher é associada à ideia da flor frágil e desamparada, vítima do capitalismo vil, corruptor e assassino, “máquina inconsciente” destinada a trabalhar e a procriar, ao contrário do homem, dotado de razão, símbolo da força e da coragem, princípio objetivo da humanidade, ativo e poderoso.<sup>8</sup>

Embora a participação das mulheres na Greve Geral de 1917 possa não ter sido tão amplamente documentada quanto a dos homens, seu envolvimento desempenhou um papel crucial na história do movimento operário e sindical no Brasil e na luta por melhores condições de trabalho. E a Greve Geral também ajudou a fortalecer a consciência de classe entre os trabalhadores em geral, incluindo as mulheres, que reconheceram a importância da solidariedade e da organização coletiva para alcançar seus objetivos.

Os jornais que eram os principais veículos de comunicação durante a República Velha eram influenciados pelo pensamento conservador e patriarcal predominante, o que resultava em uma minimização da importância das mulheres nas lutas trabalhistas. Elas raramente eram mencionadas nas manchetes ou nos títulos das

---

<sup>8</sup> RAGO, Margareth. Do Cabaré ao Lar – A Utopia da Cidade Disciplinar e a Resistência Anarquista. 4ªed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1985.

notícias, em vez disso, os jornais geralmente destacavam líderes sindicais masculinos das greves do movimento operário.

Muitas vezes, os jornais retratavam as mulheres trabalhadoras como mãe e esposas preocupados com seus filhos e maridos, em vez de reconhecer seu próprio papel ativo nas lutas por melhores condições de trabalho. Em alguns casos, as mulheres eram retratadas de maneira negativa, como agitadoras ou subversivas, em uma tentativa de desencorajar seu envolvimento em lutas sindicais.

Mesmo quando as mulheres conquistavam papéis de liderança, suas conquistas e contribuições eram muitas vezes minimizadas ou marginalizadas, tanto na cobertura jornalística quanto na história oficial.

A sociedade da época estava enraizada em normas de gênero tradicionais, o que dificultava o reconhecimento da igualdade de gênero e da importância das mulheres nas lutas trabalhistas. Portanto, a participação das mulheres no movimento operário durante a República Velha no Brasil foi muitas vezes ignorada, estigmatizada ou minimizada pela mídia da época, apesar do papel significativo e essencial nas lutas por direitos trabalhistas e sociais.

As mulheres anarquistas estavam envolvidas em atividades educacionais, estabelecendo escolas libertárias e promovendo a educação para adultos, elas viam a educação como uma forma de empoderar os trabalhadores. Sendo também defensoras do controle da natalidade como uma forma de permitir às mulheres o controle sobre seus corpos e seus destinos.

A luta das mulheres, na concepção libertária, deve passar pelo questionamento das relações que se estabelecem no cotidiano, tanto no interior da família quanto na fábrica. Não se trata de conquistar o direito de participação no campo da política instituído pelas classes dominantes, mas batalhar pelo crescimento pessoal, completo, integral: Qualquer reforma nas leis vigentes que venha a conferir-lhe direitos políticos iguais aos homens não a põe a salvo das chacotas e humilhações, não a livra de ser espezinhada pelo sexo forte e prepotente, enquanto perdurar a moral social que constrange e protege a prostituição.<sup>9</sup>

Maria Lacerda de Moura nasceu em 1887, Rio Grande do Norte, se tornou professora e no decorrer de sua formação como pessoa abraçou o anarquismo como uma filosofia política. Sua visão anarquista influenciou significativamente suas crenças

---

<sup>9</sup> A Plebe, 20-11-1920.

feministas e sua luta pelos direitos das mulheres e dos trabalhadores. Ela foi uma das primeiras feministas a defender abertamente a contracepção e o controle de natalidade no Brasil, o que era uma posição radical na época.

Maria Lacerda não apenas apoiava os sindicatos mistos, nos quais homens e mulheres estavam juntos, mas também defendia a criação de sindicatos exclusivamente femininos. Ela sabia da importância de abordar questões específicas das trabalhadoras, como igualdade salarial, o direito a licença-maternidade e o combate à exploração das mulheres no local de trabalho. Ela esteve envolvida em greves têxteis em São Paulo, que foram marcos nas lutas operária no Brasil. Ela não apenas participou dessas greves, mas também usou a sua voz e escrita para apoiar os grevistas e destacar suas demandas. (Saffioti, Heleieth, 2013)

Além de ativista anarquista e professora Maria Lacerda também era uma ótima escritora e oradora talentosa. Ela escreveu extensivamente em jornais e revistas discutindo questões feministas, políticas e sociais. Suas palestras eram conhecidas por atrair grande público, e ela viajou pelo Brasil compartilhando suas ideias utilizando seu ativismo e escrita para promover uma visão de uma sociedade mais igualitária e livre, alinhada com seus princípios anarquistas. (Saffioti, Heleieth, 2013)

O legado de Maria Lacerda de Moura é lembrado por sua coragem em desafiar as convenções sociais e lutar pelos direitos das mulheres e dos trabalhadores. Ela teve um impacto duradouro no movimento feminista e operário no Brasil, destacando a importância das mulheres no movimento operário. Sua coragem, ativismo incansável e paixão pela justiça social a tornaram uma figura proeminente e inspiradora no Brasil.

É importante destacar que as mulheres anarquistas enfrentaram desafios significativos devido às normas de gênero da época, mas ainda assim desempenharam papéis cruciais na luta por melhores condições de trabalho, igualdade de gênero e justiça social. Seus esforços contribuíram para moldar o movimento operário no Brasil durante a República Velha.

### **Cultura na Classe Operária**

A cultura popular tinha uma grande importância na vida da classe operária, incluindo festas, músicas, danças tradições locais que eram mantidas e transmitidas dentro das comunidades operárias. Alguns intelectuais e artistas voltaram sua atenção para a questão econômica da classe trabalhadora, criando obras que retratavam a

vida nas fábricas e nas cidades. O teatro e os espaços de lazer, como os cinemas, também se tornaram populares entre os trabalhadores urbanos, oferecendo uma forma de entretenimento e escapismo das suas condições de trabalho.

Os anarquistas no Brasil usavam o teatro, a literatura e a arte como forma de expressão e propaganda de suas ideias, peças teatrais e publicações culturais eram usadas para transmitir mensagens antiautoritárias e sociais para os trabalhadores urbanos.

No decorrer da República Velha, os anarquistas promoviam diversos eventos culturais, sociais e políticos em São Paulo e em outras regiões do Brasil na tentativa de compartilhar suas ideias e fortalecer o movimento operário. Embora haja poucos registros específicos sobre as festas anarquistas como eventos recorrentes, havia diversas atividades e encontros promovidos pelos anarquistas da época. A comunidade anarquista frequentemente organizava comícios e palestras em praças públicas, teatros e clubes para discutir temas relacionados ao anarquismo, a luta operária e questões sociais. Alguns deles eram membros de clubes e sociedade operárias, onde organizavam reuniões a fim de discutir as questões sociais do Brasil.

O movimento operário, principalmente os anarquistas costumavam celebrar o Primeiro de Maio como Dia Internacional dos Trabalhadores, essa data vinha com comemorações e a oportunidade de destacar questões trabalhistas e lutar por melhores condições de trabalho e os direitos dos trabalhadores. As celebrações incluíam manifestações, protestos e greves, assim conseguiam se organizar os comícios e passeatas no Dia do Trabalhador.

É de extrema importância lembrar que no decorrer da Primeira República, o Brasil passou por uma série de mudanças políticas e sociais, e o anarquismo teve um papel fundamental na luta pelos direitos trabalhistas e por uma sociedade mais igualitária. Suas celebrações do Primeiro de Maio eram parte integrante desse esforço.

Durante as festas anarquistas havia a possibilidade de acontecer repressões da polícia devido à preocupação das autoridades com o movimento anarquista. O governo via o anarquismo como uma ameaça à ordem social e à estabilidade política. As repressões incluíam prisões, deportações e perseguição.

As festas e reuniões anarquistas eram frequentemente alvo de intervenções policiais, dificilmente viam diferenças entre greves que por mais que não fosse

proibida sempre enfrentava dificuldade com as Leis de segurança nacional que eram invocadas na tentativa de reprimir o trabalhador e as festas anarquista. O Estado sempre tentou impedir a disseminação de ideias anarquistas, que promovia a luta contra o capitalismo e a opressão. Essa repressão também se estendeu a publicações de jornais, que eram censurados ou fechados pelas autoridades. Conseguimos exemplificar essas repressões as festas quando em 1902, no Cassino Penteado que se localiza em São Paulo, acabo sendo denunciada por perturbar o sossego e como uma ação de “mantenedores da desordem burguesa”. (Hardman, Francisco Foot, 1983, p.46)

Então por mais que os anarquistas tenham tido um acesso à cultura, não significa que para esse acesso não teve nenhum tipo de resistência, muito pelo contrário, existiu uma segregação social durante a nossa Primeira República que impedia a classe trabalhadora de consumir alguns tipos de cultura, a elite brasileira muitas vezes detinha o controle sobre instituições culturais, como clubes sociais, bibliotecas e espaços de entretenimento, criando barreiras de classes que dificultava o acesso à cultura para a classe operária.

Existiu um movimento cultura que foi a Corporação Musical Operária da Lapa (CMOL), criada por italianos nos anos de 1881 em São Paulo com o nome Lyra da Lapa, obteve um papel significativo na disseminação da cultura e da música entre a classe trabalhadora durante o movimento operário.

A Corporação Musical Operária da Lapa (CMOL) refletia ideias anarquistas que fazia parte de modo geral a classe trabalhadora. Os anarquistas acreditavam na educação popular como um meio de emancipação da classe trabalhadora e viam a música como uma ferramenta importante para transmitir suas mensagens de solidariedade e justiça social. No entanto durante a repressão ao movimento anarquista e sindical durante a Primeira República, muitas instituições foram perseguidas e fechadas, mesmo assim, seu legado permaneceu como um exemplo de esforço dos anarquistas em promover o acesso à cultura e à educação entre a classe trabalhadora brasileira. A ideia por trás desse movimento era democratizar o acesso à cultura e à música, muitas vezes considerados privilégios das classes mais abastadas.

E a CMOL não criava músicas necessariamente políticas, conhecidas como os hinos revolucionários, pois essas músicas, é ainda uma direção que cria, é quem

escreve as letras das músicas que vão se sobrepor ao fundo da música, é ainda, um discurso erudito musicado. Preenhe de parnasianismo:

A pé ó vítimas da fome!  
 A pé famélicos da terra!  
 A Ígnea Razão ruge e consome  
 a crosta bruta que a soterra!"

Não é só desse tipo de música que vão viver os operários, mas o consumo que os trabalhadores vão fazer é de uma simples "valsa ou dobrado, de um samba rural ou de uma marcha-rancho. (Hardman, Francisco Foot, 1983, p.50)

As estratégias dos anarquistas permitiram que eles alcançassem e educassem a classe trabalhadora, promovendo ideias de autodeterminação, solidariedade e igualdade, ao mesmo tempo em que estimulavam o acesso à cultura em um contexto muitas vezes desfavorável durante a Primeira República.

### **Educação Libertária**

A educação libertária desempenhou um papel significativo, especialmente entre os grupos anarquistas e sindicatos que estavam ativos na época. Os anarquistas viam a educação como uma ferramenta crucial para a emancipação dos trabalhadores e para a transformação da sociedade.

Os anarquistas realizavam atividades educacionais em escolas e cursos baseados em princípios anarquistas que eram estabelecidos para promover a educação libertária entre os trabalhadores e sua família.

De acordo com Foot Hardman no final do século XIX e no início do século XX, especialmente nas áreas urbanas de São Paulo, foram criadas as Escolas Modernas do Brás e Belenzinho que durou cerca de 6 anos (1913 - 1919). Foram instituições educacionais que adotaram uma abordagem pedagógica radicalmente diferente em relação ao sistema tradicional do ensino da época. Influenciados pelos ideais anarquistas, essas escolas buscavam promover a autonomia, a igualdade e a liberdade dos alunos. Elas acreditavam que a educação deveria ser um instrumento de emancipação individual e social.

Nessas escolas os alunos eram encorajados a participara ativamente na gestão de sua própria aprendizagem, que também valorizavam a formação ética e cívica dos alunos, enfatizando a importância da solidariedade, da justiça social e da participação cidadã. Muitas escolas modernas eram laicas, sendo assim separavam a religião e

promovia a liberdade de pensamento e expressão dentro das escolas. No entanto os jornais não publicavam as principais atividades que aconteciam dentro das escolas, o jornal "A Lanterna" publicava propagandas das escolas modernas apresentando a programação geral e a doutrina pedagógico-racionalista de Francisco Ferrer. (HARDMAN, Francisco Foot, p.70)

Esta Escola servir-se-á do método indutivo demonstrativo e objetivo, e basear-se-á na experimentação, nas afirmações científicas e racionadas, para que os alunos tenham uma ideia clara do que se lhes quer ensinar.

#### EDUCAÇÃO ARTÍSTICA, INTELLECTUAL E MORAL

- Conhecimento de tudo o que te rodeia
- Conhecimento das ciências e das artes
- Sentimento do belo, do verdadeiro e do real
- Desenvolvimento e compreensão sem esforço e por iniciativa própria.

#### MATÉRIAS:

As matérias a serem iniciadas, segundo os alcances das faculdades de cada aluno, constaram de leitura, caligrafia, gramática, aritmética, geometria, geografia, botânica, zoologia, mineralogia, física, química, fisiologia, história, desenho, etc. (A Lanterna, 1914) <sup>10</sup>

Certamente o jornal que mais publicou sobre essas escolas foi "A Lanterna", mas como conseguimos observar, todas as publicações eram propagandas dos serviços que as escolas serviam, e não precisamente o desenvolvimento das atividades das escolas.

As Escolas Modernas, apesar de suas ideias inovadoras e progressistas, por muitas vezes enfrentavam desafios e precariedade devido à falta de recurso, oposição do governo e pressões sociais.

As autoridades governamentais frequentemente viam com desconfiança as escolas com ideais anarquistas e progressistas, como isso resultava em pressões e repressões por parte do governo, incluindo fechamentos de escolas e prisões de professores e ativistas. Mas apesar de todas as oposições e precariedades, as Escolas Modernas foram importantes para a disseminação de ideias progressistas e na promoção da educação libertária. Elas inspiraram movimentos educacionais posteriores e continuam a ser um exemplo de como a educação pode ser usada como ferramenta de transformação social, mesmo não estando em condições de privilégios na sociedade brasileira.

<sup>10</sup> A Lanterna, nº. 225, 10-1-1914, p.4.

Por fim, a educação libertária enfrentou desafios e repressão por parte do governo e das elites dominantes. Muitas vezes, essas iniciativas educacionais eram alvo de perseguição e fechamento devido à sua oposição às normas tradicionais de ensino e à disseminação das ideias antiautoritárias.

No geral a educação libertária desempenhou um papel importante na disseminação das ideias anarquistas e no fortalecimento do movimento trabalhista no Brasil durante a República Velha. Ela contribuiu para a sensibilização para que os trabalhadores refletissem sobre suas condições e para a promoção da autonomia e da solidariedade como princípios fundamentais no processo de transformação social.

### **A Greve Geral de 1917**

A greve geral de 1917 foi um importante evento na história do Brasil, no contexto do movimento operário que ocorreu durante a República Velha, pelas conquistas de direitos trabalhistas e melhores condições de vida.

A nossa burguesia faz do operariado uma ideia semelhante à que dos escravos faziam os plantadores do século dezoito (...). Nestas condições, mesmo que uma parte do proletariado tenha tendências moderadas, vê-se obrigado a recorrer aos meios extremos, porque, infelizmente, só estes a burguesia tem atendido.<sup>11</sup>

A greve geral de 1917 se iniciou no Estado de São Paulo no Bairro da Mooca com os trabalhadores da fábrica de Tecidos Cotonifício Crespi. Os operários das fábricas já possuíam jornadas de trabalho de 13 horas diárias, porém houve um aumento da produção e eram forçados a trabalhar até meia-noite. Contrapondo-se ao aumento da jornada de trabalho, centenas de operários resolveram aderir a ideia referente a paralisação do trabalho. Iniciando o maior movimento operário do Brasil que se expandiu a outros estados brasileiros que só chegou ao seu fim em 1920 no meio de um amplo processo de organização dos trabalhadores.

Há dias os operários do Cotonifício Rodolpho Crespi abandonaram o serviço, protestando contra o trabalho noturno, contra as multas altas e contra insignificância dos salários. Para não morrerem de fome e fadiga e não serem roubados nos seus haveres com descontos feitos a capricho do patrão, viram-se a necessidade de reclamar um horário de trabalho mais equitativo e um salário aproximadamente suficiente para cobrir as mais imperiosas

---

<sup>11</sup> A Plebe 1-11-1919

necessidades, bem como a supressão de qualquer desconto. (A Plebe, 1917)<sup>12</sup>

A greve de 1917 que a princípio, parecia ser mais um movimento isolado, similar a outros que ocorreram antes de 1917, porém esse movimento se destacava por uma comissão de grevistas que regularmente se reunia na Liga Operária da Mooca, uma organização com centenas de membros que estavam ganhando força dentro da comunidade operária da Mooca. Com o tempo, a Liga se transformou em um ponto de referência importante para os trabalhadores da região. Ela desenvolveu um papel crucial ao atuar como intermediária e coordenadora das negociações entre a comissão de grevistas e a administração da fábrica. (BIONDI, 2011)

A fábrica, cujo proprietário era o italiano Rodolfo Crespi, em 1912 empregava 1.305 operários, sendo 947 italianos. Destes, somente 234 eram homens; 223 eram mulheres maiores de 22 anos, 225 menores de 22 anos, e 243 eram crianças. (TOLEDO, 2017, p.501)

É importante notar que a Greve Geral de 1917 não teve um único pico centralizado, mas sim uma série de eventos e protestos em várias regiões do Brasil ao longo de vários meses. E o governo e as fábricas responderam a greve com repressão policial resultando em confrontos violentos em algumas áreas. Muitos sindicais foram presos, e as greves foram declaradas ilegais.

Um dos picos mais alto da Greve Geral foi durante o enterro do Jose Gimenez Martinez um jovem espanhol, anarquista e sapateiro que foi morto pela polícia com apenas 21 anos. Cerca de 10 mil pessoas participaram pela passeata passando por diversos pontos da cidade de São Paulo até chegar no cemitério de Araçá. José Gimenez Martinez foi uma de muitas vítimas que a polícia fez durante as manifestações. Segundo o jornal Fanfulla cerca de 200 pessoas morreram pelos policiais. (FAUSTO, 1974)

Então o enterro simboliza o momento de passagem de uma simples paralização para uma greve de grande importância que aconteceu no dia 11 de julho e nos três dias seguintes toma uma proporção inimaginável, nos dias 12 a 15 de julho o número de grevistas sobe de 25.000 a 45.000 pessoas, se tornando um dos pontos mais alto do movimento. (FAUSTO, 1974.)

---

<sup>12</sup> A Plebe, 23.6.1917

Enquanto a greve se generaliza, tomando grandes proporções, a polícia que já vinha agindo contra a classe operária, começa a intensificar as suas ações realizando diversas prisões e fechando todas as ligas e associações operárias. É perceptível notar o esforço dos anarquistas pela organização das greves, quanto pelas reivindicações. O programa de reivindicações que foi preparado pelo Comitê de Defesa Proletária determinou os seguintes pontos nas assembleias: aumentos salariais, jornada de oito horas, abolição do trabalho do menor de 14 anos, pagamento pontual dos salários, direito de associação, não dispensa do operário grevistas e soltura dos presos por motivos de greve, diminuição dos preços dos gêneros de primeira necessidade, redução em 30% dos aluguéis de casa, garantia de trabalho permanente, abolição do trabalho noturno das mulheres, aumento de 50% nos trabalhos extraordinários, requisição dos gêneros indispensáveis à alimentação pública feito pelo Estado evitando especulações e medidas contra a adulteração e falsificação dos gêneros alimentícios. (CAMPOS, Cristina Hebling, 1988, p. 48-50)

A Comissão de Defesa Proletária (CDP) conseguiu realizar um acordo com os industriais e com o Estado, desta forma conseguindo com que os trabalhadores tivessem 20% de aumento salarial, liberdade dos grevistas que haviam sido presos, políticas públicas para crianças e mulheres, redução de aluguel e produtos alimentícios, assim surgindo uma promessa de melhoria de vida. No dia 16 de julho as propostas foram feitas em três comícios para os operários de São Paulo, os trabalhadores aceitam as condições e decidem voltar ao trabalho nas fábricas, ficando claro que se não houvesse cumprimento das promessas por parte de alguma fábrica os trabalhadores voltariam as greves. Importante lembrar que essa foi a única vez que houve uma relação de acordo entre os operários e o Estado, nas paralisações posteriores a repressão policial vai predominar durante as paralisações.

A Greve Geral de 1917 foi a maior greve que São Paulo já teve, até o final do mês ainda ocorreu diversas greves em firmas em que os acordos que foram feitos não haviam chegados, que se alastrou em todo o interior de São Paulo e em outras cidades do Brasil. A cidade havia ficado completamente paralisada, casas comerciais estavam sendo saqueadas, o trânsito de veículos e pessoas tornou-se perigoso, a moradia da burguesia chegou a ser atacada, bairros inteiros foram tomados por grevistas e São Paulo transformou-se num palco de revolta da Classe Trabalhadora.

A Greve Geral de 1917 no Brasil foi um evento significativo na história do movimento trabalhista do país. Ela demonstrou a crescente conscientização e mobilização dos trabalhadores em busca de melhores condições de trabalho e direitos laborais. Embora não tenha alcançado todas as suas metas imediatas, a greve ajudou a pavimentar o caminho para futuras lutas trabalhistas e sindicais no Brasil, contribuindo para a evolução do movimento operário e influenciando as reformas trabalhistas subsequentes.

[...] Christina Lopreato define a greve geral de 1917 como anarquista, após uma análise de seu desenvolvimento e de suas características e finalidade, no que se refere tanto à dinâmica da greve em si como às organizações operárias que surgiram antes e paralelamente à greve. (BIONDI, 2011, 319)

13

O anarquismo era uma ideologia política e social importante no Brasil no decorrer da República Velha. Muitos sindicatos e grupos de trabalhadores que eram liderados por anarquistas ou compartilhavam ideia anarquistas, como a luta pela emancipação dos trabalhadores e a abolição do Estado e do capitalismo. Líderes anarquistas proeminentes, como José Oiticica e “Edgard Leuenroth, que da greve geral de 1917 foi um dos principais organizadores...” (BIONDI, 2011, p.319). Desta forma, desempenharam um papel fundamental na organização e na mobilização dos trabalhadores durante a greve geral de 1917. Eles promoveram os ideais anarquistas de autogestão, solidariedade e ação direta.

Edgar Leuenroth foi um importante historiador, jornalista e militante político, que desempenhou um papel fundamental no movimento operário e sindical no país. Ele ficou conhecido por ter um papel ativo na organização e na divulgação da Greve Geral de 1917 em São Paulo, sendo um dos principais líderes e ativistas sindicais durante o movimento operário e estava envolvido na mobilização dos trabalhadores. Sua atuação como jornalista e editor do jornal “A Plebe” também foi fundamental para difundir as ideias e reivindicações do movimento grevista.

A greve geral de 1917 envolveu uma série de formas de organização que eram consistentes com os ideais anarquistas como as assembleias que eram reuniões regulares, em que os operários discutiam questões relacionadas à greve, como demandas, estratégias e ações futuras. As assembleias eram democráticas e

---

<sup>13</sup> BIONDI, Luigi. Classe e Nação Trabalhadores e Socialistas Italianos em São Paulo, 1890 – 1920. Campinas: Editora Unicamp, 2011.

permitted que os próprios trabalhadores tomassem decisões sobre o movimento grevista.

Esse movimento refletiu a crescente conscientização da classe trabalhadora e a busca por mudanças sociais e econômicas em um período de intensa agitação política. Embora a greve não tenha alcançado todos os seus objetivos imediatos, ela desempenhou um papel fundamental na consolidação dos direitos dos trabalhadores e na posterior evolução do movimento sindical no país. A greve geral de 1917, portanto, representa um marco na história do Brasil e na luta por justiça e equidade no mundo do trabalho.

### **Resistência da Classe Trabalhadora**

Existia um sistema repressor e autoritário que transformou todos os operários em suspeito para a polícia, assim impedindo ou dificultando os trabalhadores de reivindicar seus direitos através de manifestações e greves.

As greves eram frequentemente consideradas ilegais e o governo usava forças policiais para reprimir manifestações e protestos trabalhistas, esse movimento de repressão fez parte de uma estratégia mais ampla do governo para controlar o movimento operário e manter a ordem social. Essa repressão aconteceu, principalmente no governo do Artur Bernardes que governou durante 1922 a 1926, reprimindo os movimentos grevistas e as ações sindicais.

Havia um sistema de fura greve, que eram quando os patrões contratavam pessoas negras para substituir os operários que estavam envolvidos nas greves lutando por melhores condições de trabalho. Com isso alguns operários tendiam a chamar as pessoas negras de alienadas, antiprogressistas, retrógrados. No entanto a ascensão de negros do mercado de trabalho só acontecia em sua maioria quando os operários entravam em greve, por causa que a contratação para trabalho dentro das fábricas acontecia em peso com os imigrantes da Europa.

Durante a República Velha foi criada uma lista de "pessoas indesejadas" que foi compartilhada nas fábricas e nessas listas cotiam as informações dos motivos pelo qual os operários foram demitidos, com o objetivo de controlar as ações dos trabalhadores. Então todos os operários eram reprimidos, desta forma aceitando as condições precárias das fábricas sem poder reivindicar qualquer direito trabalhista.

No interesse da organização operária, criamos esta secção que se destina a ser o reflexo, a expressão da vida dos trabalhadores. Ela registrará todos os

factos, desde os mais comuns, com o desenvolvimento que nos permiti o espaço que possamos dispor.

O serviço que esta secção prestará aos trabalhadores, é de facto inestimável. Para que, porém, seja completa e preencha os seus fins, é necessário que possamos contar com a boa vontade dos camaradas a quem as classes confiaram a missão de as representar junto a nós.

Queremos estender a nossa secção até o interior das fábricas, oficinas e outros centros proletários. E isto depende da diligência desses camaradas que se devem esforçar por acompanharem rigorosamente o movimento das suas classes, em todas as suas particularidades. Isto, é intuitivo, porque não dispondo de um serviço de reportagem para tal fim. (Voz do povo)

Os Jornais eram uma das principais fontes de comunicação da época, eles permitiam que os líderes e ativistas divulgassem informações sobre os objetivos das greves, as reivindicações dos trabalhadores e os eventos relacionados ao movimento operário. Essa participação desempenhou um papel importante na mobilização de um grande número de trabalhadores.

“A Plebe” em 1917 acreditava que as propagandas feitas, estavam conscientizando os trabalhadores da época que passavam por situações intoleráveis, assim tendo a necessidade de reagir contra as condições de trabalho e de vida que eram impostas a classe operária. O jornal enfatizava a importância das reuniões que estavam sendo realizadas em diversos bairros operários para a estruturação de ligas, que se originavam de sindicatos e associações de classe, que representavam os trabalhadores de setores específico. Desta forma expressando como o movimento pode ser benéfico para o estilo de vida e as condições de trabalhos para funcionários da época.

“A Plebe” era conhecida por sua crítica contundente às condições de trabalho, ao capitalismo e ao Estado. E além de suas publicações, diversos membros do jornal estavam participando ativamente das greves e atividades sindicais.

“O Combate” um jornal que era defensor do anarquismo e da ação direta com os meios de lutas dos trabalhadores contra diversas injustiças sociais que estavam presentes na vida dos operários. Que também divulgava notícias de eventos no Brasil relacionados ao movimento operário em outros países.

No Brasil, os anarquistas se organizaram entre os operários através de associações de luta e de reivindicação - voltadas para a propaganda, melhoria e condições de vida do trabalhador e do seu acesso à educação. Criaram diversas publicações - O Amigo do Povo, A Voz do Trabalhador, A

Terra Livre, A Plebe, A Lanterna - e utilizaram a greve como principal arma de mobilização e combate. (SCHWARCZ, 2015) <sup>14</sup>

Os jornais obtiveram uma vasta importância ao informar, organizar e inspirar os trabalhadores durante a República Velha. Eles contribuíram para a formação de uma consciência de classe entre os trabalhadores urbanos e tiveram influência no processo do movimento operário e sindical no Brasil. Suas ideias e ações também deixaram um legado para o ativismo social e político no país.

Esses jornais serviram como um registro histórico importantes dos eventos da Greve Geral de 1917, documentando os desenvolvimentos diários, os desafios enfrentados pelos grevistas e as negociações em curso, assim permitindo que as gerações futuras compreendessem o significado e a importância desse evento para a classe trabalhadora.

Boris Fausto, aborda o movimento Paredista na República Velha, destacando a crescente insatisfação dos trabalhadores com as condições laborais. Ele explora as causas subjacentes como a industrialização incipiente e as mudanças econômicas. Fausto discute as greves e a mobilização operária como expressões do descontentamento social, ressaltando os desafios enfrentados pelos trabalhadores nas primeiras décadas do século XX.

De acordo com Boris Fausto houve um movimento paredista de 1920, também conhecido como a Revolta dos Trabalhadores da Light, foi um evento importante na história do movimento operário no Brasil. Esse movimento grevista envolveu trabalhadores da Light and Power Company, que operava o sistema de iluminação e eletricidade no Rio de Janeiro. Os trabalhadores da Light organizaram uma greve em 1920 para reivindicar melhores condições de trabalho, salários justos e reconhecimento dos seus direitos. A greve rapidamente se tornou uma das maiores mobilizações trabalhistas da época, envolvendo milhares de trabalhadores.

Apesar de ter sido duramente reprimida pelas autoridades, a greve de 1920 marcou um ponto de viragem na história do movimento sindical brasileiro, fortalecendo a conscientização dos trabalhadores e ajudando a pavimentar o caminho para futuras lutas e conquistas trabalhistas no país. Com raízes no anarquismo e motivado pela busca de justiça social, este movimento demonstrou a determinação e a coragem dos

---

<sup>14</sup> SCHWARCZ, Lilia; STARLING, Heloísa. Brasil Uma Biografia. 2ed. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2015

trabalhadores em enfrentar adversidades. Embora tenha enfrentado repressão, o legado desse movimento perdura como um do poder da solidariedade e da ação coletiva na busca por equidade no mundo do trabalho.

O movimento paredista teve influências anarquistas significativas, embora o movimento não tenha sido exclusivamente anarquista, ele refletiu as ideias e prestígios do anarquismo na luta dos trabalhadores por melhores condições e direitos laborais naquele período. Pois os anarquistas no Brasil buscavam a emancipação dos trabalhadores e a abolição do capitalismo e do Estado, promovendo autogestão e a solidariedade entre os trabalhadores. Isso influenciou a natureza radical e a determinação dos trabalhadores na greve de 1920 e em outros movimentos grevistas da época.

A resistência anarquista frequentemente entrava em conflito com o governo e as autoridades, resultando na repressão aos militantes anarquistas e na prisão de líderes do movimento. No entanto o movimento anarquista começou a declinar na década de 1920 devido à repressão do governo e às divisões internas. O movimento anarquista brasileiro estava dividido em várias correntes e grupos, cada um com sua própria abordagem e estratégia, dividindo e enfraquecendo o movimento, assim prejudicando sua eficácia.

Então durante a década de 1920, o comunismo ganhou força no Brasil, atraindo alguns militantes anteriormente ligados ao anarquismo. Isso levou a uma competição entre as ideologias e uma diminuição da influência anarquista. No entanto a presença do movimento tenentista, liderados por oficiais do exército insatisfeitos com o governo, ganhou destaque na década de 1920, ou seja, a luta pelo poder político competir e a formação de novos grupos políticos competiram com o anarquismo por apoio popular.

A República Velha deu lugar à Era Vargas em 1930, com a ascensão de Getúlio Vargas ao poder. Esse período trouxe mudanças significativas no cenário político do Brasil, e as prioridades políticas mudaram, afastando-se das preocupações do movimento anarquista.

Apesar do declínio do anarquismo como movimento hegemônico, muitos dos ideais e princípios anarquistas continuaram a influenciar a luta dos trabalhadores e a política brasileira durante o século XX. As conquistas trabalhistas e sociais no Brasil, como a CLT (Consolidação das Leis do Trabalho) de 1943, refletiram em partes as demandas históricas dos anarquistas por direitos trabalhistas e justiça social. Por isso

a importância de ressaltar todo o movimento operário do Brasil na conquista dos direitos trabalhistas e não resignar os direitos conquistados apenas a uma pessoa.

### **Conclusão**

A análise do papel da anarquia como movimento operário na República Velha no Brasil, com destaque para a Greve Geral de 1917, o papel das mulheres nesse movimento e a influência da cultura anarquista, revela um capítulo fascinante e muitas vezes subestimado na história do país. As descobertas desta pesquisa enfatizam não apenas a importância do anarquismo como uma força motriz por trás da luta operária, mas também a complexidade de suas contribuições.

A Greve Geral de 1917, marcada pelo lema "Nem deuses, nem patrões, nem maridos", ilustra a intensa busca dos anarquistas por mudanças radicais, não apenas nas condições de trabalho, mas na estrutura da sociedade como um todo. Os anarquistas desempenharam um papel vital na organização e liderança da greve, buscando justiça social, igualdade e liberdade.

Além disso, é impossível ignorar o papel das mulheres no movimento operário anarquista. Elas não apenas contribuíram de maneira significativa para a Greve Geral e outras lutas, mas também lideraram a batalha por igualdade de gênero e direitos das mulheres, promovendo uma visão de sociedade mais justa e inclusiva.

A cultura anarquista, com seus clubes, escolas e publicações, atuou como um importante catalisador do movimento. Fornecendo educação, espaços para debate e resistência criativa, a cultura anarquista ajudou a unificar o movimento e a transmitir mensagens de autonomia, solidariedade e justiça.

Este estudo também desmistifica a anarquia, mostrando que não era um movimento puramente caótico ou violento. Em vez disso, os anarquistas estavam comprometidos com ideais de justiça social e igualdade, desafiando as estruturas de poder existentes.

O impacto do anarquismo na República Velha perdura até hoje. Muitas das questões e ideais defendidos pelos anarquistas continuam a ser relevantes, inspirando lutas por direitos e justiça social no Brasil. A história do anarquismo como movimento operário é uma parte essencial do panorama mais amplo da busca por uma sociedade mais justa e igualitária.

## Referências

1. BETHELL, Leslie. **Brasil no Mundo**. In: CARVALHO, Murilo José. **A Construção Nacional 1830 – 1889**. Rio de Janeiro: Editora Shwarcz S.A, 2012.
2. BIONDI, Luigi. **Classe e Nação Trabalhadores e Socialistas Italianos em São Paulo, 1890 – 1920**. Campinas: Editora Unicamp, 2011.
3. CAMPOS, Cristina Hebling. **O sonhar libertário: Movimento Operário de 1917 a 1921**. Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1988.
4. FAUSTOS, Boris. **História do Brasil**. 12ªed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.
5. HARDMAN, Francisco Foot. **Nem Pátria, nem Patrão - vida operária e cultura anarquista no Brasil**. 2ªed. São Paulo: Editora brasiliense, 1984.
6. RAGO, Margareth. **Do Cabaré ao Lar – A Utopia da Cidade Disciplinar e a Resistência Anarquista**. 4ªed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1985.
7. Resende, Maria Efigênia Lage Resende. **O processo político na Primeira República e o liberalismo oligárquico**. In: Ferreira, Jorge; Delgado, Lucília de Almeida Neves. **O Brasil Republicano 1**. 12ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.
8. SAFFIOTI, Heleieth I. B. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. 3.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013
9. SCHWARCZ, Lilia; STARLING, Heloísa. **Brasil Uma Biografia**. 2ªed. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2015.
10. WOODCOCK, George. **História do movimento anarquista – Volume 1 – A ideia**. São Paulo: L&PM, 2002.
11. Fontes Primária: ARQUIVO NACIONAL. **A greve no estado de S Paulo, Voz do Povo**, Rio de Janeiro, v.I, 6 de fevereiro de 1920.